



REDACTOR PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
* Propriedade da Confederação Geral do Trabalho *
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção e administração Calçada do Combro, 38-A, 2.
Lisboa — PORTUGAL
End. telegr. Telhoba — Lisboa • Telefone: ?
Oficinas de impressão: Rua da Atalaia, 124

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

CONSEQUÊNCIAS FUNESTAS

As consequências da criminosa ação do capitalismo acentuam-se cada vez mais. Foi o seu infarto predominante, organizando a selvajaria guerra para sua defesa, que conduziu os povos à mais perversa e desastrosa das guerras, e é ainda ele que, pela sua característica dominante, uma avidez sordida e sem limites, mantém o mundo numa situação dolorosa, prestes a cair no caos mais horrendo, de que os homens só poderão talvez sair depois dum luta estúpida, bárbara e sangrenta.

O povo português está ameaçado como nenhum outro, e contudo só quando se vir perdido é que reparará no seu erro e no seu desleixo, tendo de resolver as dificuldades por uma forma imperfeita e desordenada.

Hoje quase que faltam por completo os alimentos de primeira necessidade; dentro de pouco tempo faltará um dos principais elementos da indústria: o carvão.

Contavam há dias os jornais que a Companhia Carris de Ferro se veria forçada a suspender em breve uma parte das suas carreiras e a despedir dois terços do seu pessoal, pois não conseguia, apesar da intervenção dum ministro, que em Inglaterra lhe fornecesse carvão. Poucos dias antes também se falou na possível suspensão dos comboios da Companhia Portuguesa, igualmente por falta de carvão, e anteciparam que a primeira, directa representante de Loyola e Torquemada, procura conservar a Humanidade nas trevas, deligenciando ainda fazê-la retrogradar aos tempos calamitosos da força e do cacete, a segunda, branca como as águas cristalinas que correm mansamente nos rios e luminosa como os raios quentes do sol, criador sublime, procura elevar a Humanidade ao ponto culminante da mais digna moral, de modo que a alegria saia afaz naturalmente aos corações e que a inteligência retome o seu lugar nos cérebros doentes dos tristes componentes da espécie a que ambos pertencemos.

Pois bem: a minha prisão representa o mais lamentável desprazer pela constituição da República, desta república que eu, tam ingenuamente, ajudei a fundar; e o processo que almas mesquinas estão organizando a meu respeito é a certeza da existência nesta cidade, como em outras terras do país, dum tremenda corrente jesuítica, tam hipócrita, tam desleal, tam indigna, que se rotula de republicana (que espantoso é tudo isto!), para melhor poder cravar na vítima as suas garras envenenadas de hiena sedenta de rancor...

Isto é gravíssimo. A situação que espera o proletariado é das mais apavorantes, e contudo ninguém parece dar por isso. Só quando a crise de trabalho se generalizar, juntando-se à crise de subsistências, então é que irromperá uma tempestade de protestos de famintos e de inconscientes, cujas consequências não serão fáceis de prever.

Então é que hão de ser vistos os funestos efeitos do regime capitalista da sociedade actual, que tendo conduzido os povos a uma hollywood monstruosa, acabará por conduzi-los a uma catástrofe não menos dolorosa e sangrenta.

Esta negra perspectiva é-nos sugerida pela atitude egoista e agressiva da classe capitalista e pelas hesitações do proletariado, que não se prepara para opôr-lhe uma ação energica e eficaz.

Está escrito e temos que aceitar que a violência mais feroz tem de derrubar o que só pela ferocidade e pela violência se tem mantido. Será o triste e sangrento resultado da mentira e da opressão em que os homens tem vivido. Serão as funestas consequências do predominio burguês.

Muito se tem dito e escrito sobre as dificuldades económicas e sobre a angustiosa situação do povo na Rússia, atribuindo-se tudo o que de mal existe ao novo regime que aquele povo entendeu estabelecer, quando sómente pelo repugnante bloqueio e pela guerra jesuítica dos aliados, isso tudo deve ser.

Faz-se-lhe uma guerra feroz e torpe para desorientar os povos, porque se tem que o exemplo frutífero, dado o estado de sobre excitação das populações vítimas da tirania e da fome.

Em Portugal e nas outras nações não impera, felizmente para os parasitas de todas as espécies, um regime idêntico ao soviético russo, e contudo a situação económica não é mais risponda, antes ela se mostra cada vez mais acarburadora e difícil.

Os horrores por que passa a Rússia, e sobretudo a Hungria e a Áustria, devido à atitude infame dos políticos e dos capitalistas, vão estender-se por todo o mundo, se os povos não se erguerem num supremo esforço para lhes arrancar das mãos sanguinárias a direção da sociedade.

O nosso país é um dos que está condenado a passar pelas maiores angústias, pois está dependente das outras nações.

Todavia, ninguém se preocupa com a situação, já hoje cheia de dificuldades, mas que amanhã se tornará payosa. Ninguém se prende a procurar-lhe uma solução satisfatória, para evitar o abismo para que se caminha rápido e cegamente.

A guerra desenvolveu nos indivíduos e nas classes um egoísmo feroz, ao mesmo tempo que um espírito místico, e quando se fala da miserável vida que levam alguns povos, por motivo da guerra e da ação do capitalismo, quase sempre se obtém por resposta ou um despreocupado encolher de ombros, que quere dizer «les que se governem», ou então um confiado «nós estamos livres disso», porque se espera que a regular aliada e os seus amigos não deixarão de prestar o seu auxílio, que é verdadeiramente uma esfona; tal é a insistência com que é solicitado o seu socorro.

As condições de vida agravam-se para toda a parte; a avarice espoliadora, a desordem e desespere, dentro do regime burguês não há possibilidade de estabelecer a ordem económica e social, e os povos hesitam ante o caminho da transformação redentora, não obstante o avanço da catástrofe que ameaça esmagar tudo e todos.

O Estado a gastar dinheiro em benefício de particulares, é caso para se dizer que o país nada em riqueza...

— Tem lóiosos?

— Não — já não temos.

— Há tabaco nacional?

— Só temos estrangeiro.

— Dê-me um litro de azeite.

— O senhor está na lua! Azeite não há.

— Arroz, tem?

— Só se fôr na loja da esquina, aí.

— E quanto são as batatas?

— Doze vintens.

— ... Não quer. São muito caras.

— Deixe-me ver duzentas e cinqüenta.

— Só hâ branco, a 120.

— E manteiga?

— Não há também.

— Tentámos entrar num eléctrico e fugir esquivados para parte incerta.

— Olá, o cavalheiro! Não tem lugar!

— Quantu custar?

Sobre o caso do movimento dos quadros gráficos dos jornais diários, se bem saber-se a quanto montam as despesas feitas pelos cofres do Estado com os tipógrafos-militares, em viagens da província, etc., para servir interesses particulares, é-lhe o governo algum entendimento com as empresas jornalísticas para assim proceder, eternizando um conflito que já poderia ter terminado se não fosse o apoio que lhe dâ, em prejuízo dum a classe inteira, que só prender mais um pouco de pão?

O Estado a gastar dinheiro em benefício de particulares, é caso para se dizer que o país nada em riqueza...

— E que se confia ainda, espera-se que aq

CARTA ABERTA

AO SR. PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Justiça e não misericórdia!

Senhor Presidente:

Com a impressão de que v. ex.^a, tendo conhecimento do falsoamento da Constituição da República, não sancionará com indiferença esse falsoamento e que, antes, diligenciará corrigir esse erro profundo, venho dirigir-me ao chefe do Estado do meu país, esperançado na relativa rectidão dum espírito que sempre parece ter-se guiado pelas normas da Justiça.

Sabe v. ex.^a melhor do que ninguém que duas idéias antagónicas se chocam violentamente: reacção e Liberdade. Ao passo que a primeira, directa representante de Loyola e Torquemada, procura conservar a Humanidade nas trevas, deligenciando ainda fazê-la retrogradar aos tempos calamitosos da força e do cacete, a segunda, branca como as águas cristalinas que correm mansamente nos rios e luminosa como os raios quentes do sol, criador sublime, procura elevar a Humanidade ao ponto culminante da mais digna moral, de modo que a alegria saia afaz naturalmente aos corações e que a inteligência retome o seu lugar nos cérebros doentes dos tristes componentes da espécie a que ambos pertencemos.

Nunca, senhor presidente, escrevi uma palavra de ódio contra ninguém, podendo ler-se, para se comprovar esta asserção, os raios quentes do sol, criador sublime, procura elevar a Humanidade ao ponto culminante da mais digna moral, de modo que a alegria saia afaz naturalmente aos corações e que a inteligência retome o seu lugar nos cérebros doentes dos tristes componentes da espécie a que ambos pertencemos.

Pois bem: a minha prisão representa o mais lamentável desprazer pela constituição da República, desta república que eu, tam ingenuamente, ajudei a fundar; e o processo que almas mesquinas estão organizando a meu respeito é a certeza da existência nesta cidade, como em outras terras do país, dum tremenda corrente jesuítica, tam hipócrita, tam desleal, tam indigna, que se rotula de republicana (que espantoso é tudo isto!), para melhor poder cravar na vítima as suas garras envenenadas de hiena sedenta de rancor...

Não só a certeza que nós, os homens de fé, temos de a sentirmos, os raios quentes do sol, criador sublime, procura elevar a Humanidade ao ponto culminante da mais digna moral, de modo que a alegria saia afaz naturalmente aos corações e que a inteligência retome o seu lugar nos cérebros doentes dos tristes componentes da espécie a que ambos pertencemos.

Pois é esse indivíduo que vou desvendar-te. O tal amigo dos gráficos, ao mesmo tempo que é director dum importante estabelecimento do Estado, é jornalista, co-proprietário dumha agência de anúncios, onde são fabricados os comunicados que na imprensa burguesa são pagos generosamente a tanto por linha e onde se faz a defesa infame de todas as tribus que para a existem, como sejam a panificação, a moagem, o jôgo, os eléctricos, etc., e é ainda para corôda da sua glória... moageiro!

Pois é esse indivíduo que valendo-se da sua situação especial, tem recorrido a todos os processos, sem olhar a escrúpulos, para subjugá uma classe inteira, que tem bem sabido defender a sua dignidade e que a despeito dos indígnos processos de tem repelente criatura mostra ainda hoje a mesma decisão que há 40 dias vem mantendo.

— Pois é esse indivíduo que vou desvendar-te. O tal amigo dos gráficos, ao mesmo tempo que é director dum importante estabelecimento do Estado, é jornalista, co-proprietário dumha agência de anúncios, onde são fabricados os comunicados que na imprensa burguesa são pagos generosamente a tanto por linha e onde se faz a defesa infame de todas as tribus que para a existem, como sejam a panificação, a moagem, o jôgo, os eléctricos, etc., e é ainda para corôda da sua glória... moageiro!

Pois é esse indivíduo que valendo-se da sua situação especial, tem recorrido a todos os processos, sem olhar a escrúpulos, para subjugá uma classe inteira, que tem bem sabido defender a sua dignidade e que a despeito dos indígnos processos de tem repelente criatura mostra ainda hoje a mesma decisão que há 40 dias vem mantendo.

— Pois é esse indivíduo que valendo-se da sua situação especial, tem recorrido a todos os processos, sem olhar a escrúpulos, para subjugá uma classe inteira, que tem bem sabido defender a sua dignidade e que a despeito dos indígnos processos de tem repelente criatura mostra ainda hoje a mesma decisão que há 40 dias vem mantendo.

— Pois é esse indivíduo que valendo-se da sua situação especial, tem recorrido a todos os processos, sem olhar a escrúpulos, para subjugá uma classe inteira, que tem bem sabido defender a sua dignidade e que a despeito dos indígnos processos de tem repelente criatura mostra ainda hoje a mesma decisão que há 40 dias vem mantendo.

— Pois é esse indivíduo que valendo-se da sua situação especial, tem recorrido a todos os processos, sem olhar a escrúpulos, para subjugá uma classe inteira, que tem bem sabido defender a sua dignidade e que a despeito dos indígnos processos de tem repelente criatura mostra ainda hoje a mesma decisão que há 40 dias vem mantendo.

— Pois é esse indivíduo que valendo-se da sua situação especial, tem recorrido a todos os processos, sem olhar a escrúpulos, para subjugá uma classe inteira, que tem bem sabido defender a sua dignidade e que a despeito dos indígnos processos de tem repelente criatura mostra ainda hoje a mesma decisão que há 40 dias vem mantendo.

— Pois é esse indivíduo que valendo-se da sua situação especial, tem recorrido a todos os processos, sem olhar a escrúpulos, para subjugá uma classe inteira, que tem bem sabido defender a sua dignidade e que a despeito dos indígnos processos de tem repelente criatura mostra ainda hoje a mesma decisão que há 40 dias vem mantendo.

— Pois é esse indivíduo que valendo-se da sua situação especial, tem recorrido a todos os processos, sem olhar a escrúpulos, para subjugá uma classe inteira, que tem bem sabido defender a sua dignidade e que a despeito dos indígnos processos de tem repelente criatura mostra ainda hoje a mesma decisão que há 40 dias vem mantendo.

— Pois é esse indivíduo que valendo-se da sua situação especial, tem recorrido a todos os processos, sem olhar a escrúpulos, para subjugá uma classe inteira, que tem bem sabido defender a sua dignidade e que a despeito dos indígnos processos de tem repelente criatura mostra ainda hoje a mesma decisão que há 40 dias vem mantendo.

— Pois é esse indivíduo que valendo-se da sua situação especial, tem recorrido a todos os processos, sem olhar a escrúpulos, para subjugá uma classe inteira, que tem bem sabido defender a sua dignidade e que a despeito dos indígnos processos de tem repelente criatura mostra ainda hoje a mesma decisão que há 40 dias vem mantendo.

— Pois é esse indivíduo que valendo-se da sua situação especial, tem recorrido a todos os processos, sem olhar a escrúpulos, para subjugá uma classe inteira, que tem bem sabido defender a sua dignidade e que a despeito dos indígnos processos de tem repelente criatura mostra ainda hoje a mesma decisão que há 40 dias vem mantendo.

— Pois é esse indivíduo que valendo-se da sua situação especial, tem recorrido a todos os processos, sem olhar a escrúpulos, para subjugá uma classe inteira, que tem bem sabido defender a sua dignidade e que a despeito dos indígnos processos de tem repelente criatura mostra ainda hoje a mesma decisão que há 40 dias vem mantendo.

— Pois é esse indivíduo que valendo-se da sua situação especial, tem recorrido a todos os processos, sem olhar a escrúpulos, para subjugá uma classe inteira, que tem bem sabido defender a sua dignidade e que a despeito dos indígnos processos de tem repelente criatura mostra ainda hoje a mesma decisão que há 40 dias vem mantendo.

— Pois é esse indivíduo que valendo-se da sua situação especial, tem recorrido a todos os processos, sem olhar a escrúpulos, para subjugá uma classe inteira, que tem bem sabido defender a sua dignidade e que a despeito dos indígnos processos de tem repelente criatura mostra ainda hoje a mesma decisão que há 40 dias vem mantendo.

— Pois é esse indivíduo que valendo-se da sua situação especial, tem recorrido a todos os processos, sem olhar a escrúpulos, para subjugá uma classe inteira, que tem bem sabido defender a sua dignidade e que a despeito dos indígnos processos de tem repelente criatura mostra ainda hoje a mesma decisão que há 40 dias vem mantendo.

— Pois é esse indivíduo que valendo-se da sua situação especial, tem recorrido a todos os processos, sem olhar a escrúpulos, para subjugá uma classe inteira, que tem bem sabido defender a sua dignidade e que a despeito dos indígnos processos de tem repelente criatura mostra ainda hoje a mesma decisão que há 40 dias vem mantendo.

— Pois é esse indivíduo que valendo-se da sua situação especial, tem recorrido a todos os processos, sem olhar a escrúpulos, para subjugá uma classe inteira, que tem bem sabido defender a sua dignidade e que a despeito dos indígnos processos de tem repelente criatura mostra ainda hoje a mesma decisão que há 40 dias vem mantendo.

— Pois é esse indivíduo que valendo-se da sua situação especial, tem recorrido a todos os processos, sem olhar a escrúpulos, para subjugá uma classe inteira, que tem bem sabido defender a sua dignidade e que a despeito dos indígnos processos de tem repelente criatura mostra ainda hoje a mesma decisão que há 40 dias vem mantendo.

— Pois é esse indivíduo que valendo-se da sua situação especial, tem recorrido a todos os processos, sem olhar a escrúpulos, para subjugá uma classe inteira, que tem bem sabido defender a sua dignidade e que a despeito dos indígnos processos de tem repelente criatura mostra ainda hoje a mesma decisão que há 40 dias vem mantendo.

— Pois é esse indivíduo que valendo-se da sua situação especial, tem recorrido a todos os processos, sem olhar a escrúpulos, para subjugá uma classe inteira, que tem bem sabido defender a sua dignidade e que a despeito dos indígnos processos de tem repelente criatura mostra ainda hoje a mesma decisão que há 40 dias vem mantendo.

— Pois é esse indivíduo que valendo-se da sua situação especial, tem recorrido a todos os processos, sem olhar a escrúpulos, para subjugá uma classe inteira, que tem bem sabido defender a sua dignidade e que a despeito dos indígnos processos de tem repelente criatura mostra ainda hoje a mesma decisão que há 40 dias vem mantendo.

— Pois é esse indivíduo que valendo-se da sua situação especial, tem recorrido a todos os processos, sem olhar a escrúpulos, para subjugá uma classe inteira

EM VOLTA DOS ELÉCTRICOS

Fale o povo e fale alto!

Conseguiu o Sindicato de Santo Amaro ver as suas exorbitantes reclamações atendidas, porque assim o entendeu a maioria da vereação municipal, a cuja guarda foram entregues os legítimos interesses da população lisboeta.

A defesa da bôsa dos cidadãos está assim entregue nas mãos de criaturas que, no tempo da propaganda, barafavam contra tudo que cheirasse a monopólio, não se incomodando, na presente conjuntura, de sanctionar mais este assalto às algibeiras do público.

A forma como a questão prévia foi apresentada e aprovada, demonstra bem a vontade que tinham os senhores vereadores democráticos em servir o monopólio da Companhia Carris de Ferro e as suas exageradas exigências, menosprezando assim os mais sagrados direitos dumha população inteira, que tem a infelicidade de possuir administradores tan pouco escrupulosos na defesa dos seus interesses.

Esta aprovação de aumento de tarifas é extremamente suspeita. A maioria da vereação devia saber, de antemão, que a caixa não desagrado do povo já tomou sobrecarregado com o aumento crescente do preço dos gêneros. Ela, a maioria não ignorava certamente que a Companhia há alguns meses que vem preparando o terreno para se lançar avultadamente sobre a magra algibeira do povo. A vereação sabia perfeitamente que a Companhia havia comprado, subornado parte da imprensa para fazer propaganda dos seus intentos e que a vereação que tais medidas degradantes aprovasse daria direito a que a imprensa honrada e o povo espoliado gritasse, com justificada razão, que parte da Câmara estava, como a aludida imprensa, vendida à Companhia dos Elétricos.

Se de facto, honestamente a Câmara achasse necessário tal aumento ela devia ter o cuidado de expor o caso com toda a clareza para que o povo fizesse o seu juizo. Mas não. A maioria da vereação preferiu fazer a cova pela calada, as três da manhã usando os *trucks* que constituem uma autêntica violência.

Alega-se a pobreza da Companhia, mas esta não se prova publicamente. Se efectivamente a Companhia Carris de Ferro não pode sustentar o serviço de viagem que se propõe fornecer, que abdique. Uma casa comercial que não se mantém abdicativa, liquida, quebra. Se a Companhia está falida, que liquide, que entregue o serviço de viagem ao Municipio.

Mas não é isto que o poderoso Sindicato de Santo Amaro quer. O que ele quer sabe-o a vereação democrática com a direção daquela companhia.

O pão intragável

A Moagem atira as culpas para o Estado e o Estado devolve-as à Moagem. Não tendo ninguém culpa, querendo todos passar por excelentes pessoas, muito amigas do estômago do povo que trabalha, não sabemos por que motivo o pão cada vez é mais amargo, menos suporável.

O Conselho de Administração da Companhia Industrial de Portugal e Colónia faz distribuir um manifesto, lançando toda a responsabilidade da má qualidade da farinha sobre o governo. Diz-se nesse manifesto que o trigo últimamente entregue pelo Estado à Moagem e que chegou ao Tejo a bordo do *Algorta*, vinha ligeiramente avariado. No entanto, apesar de avariado, fez distribuir pelas fábricas. Após a análise a que foi sujeito, foi considerado próprio para consumo, depois de beneficiado.

O Estado, ou os analistas do Estado, consideram o trigo próprio para consumo e não, por muito boa vontade que tenhamos, não conseguimos de maneira alguma concordar com tal opinião.

O facto é que por mais explicações que o governo ou a Moagem nos querem dar, o pão continua, apesar de tudo, a ser abominável.

As explicações não o melhoram e nem só de explicações vive o homem. Vive, pelo contrário, do bom pão e sadio e não da mixórdia nauseabunda que a víva forçhe querem fornecer e lhe fornecem, o que é pior.

O pão do tipo único está pior do que o antigo pão de seção. Ora, se antes do novo regime de panificação, havia um pão fino bom e um pão de segunda razão, porque razão hoje o tipo único não dá pão menos um média da qualidade e do sabor dos antigos pães?

Há apenas a mania de má vontade da parte da Moagem em continuar apresentando um pão intragável e a habitual incompetência do governo para tratar das questões que ao povo interessam. Quisesse a Moagem e o pão melhoraria. Mas não quer, pela bem simples razão de não lhe convir, de não querer sacrificar parte dos seus lucros. A época é de sacrifícios, dizem. Que o pão o povo já está habituado, praticamente habituado! E os patriotas da Moagem que ganhem, ou melhor, que roubem à vontade.

Não há farinha que preste, mas autorizasse o governo o fabrico de dois tipos de pão e veríamos então aparecer pão alvo...

A falta de água

O ministro do comércio dirigiu, ontem, ao presidente da câmara municipal de Lisboa, um ofício em que tratando do abastecimento de águas à cidade formulava as seguintes perguntas: 1.º Pretende a Câmara da digna presidência de V. Ex.º, utilizando-se da faculdade de remissão, chamar a sua responsabilidade o serviço da municipalização das águas nos termos e condições dos contratos em vigor entre o governo e a Companhia das Águas de Lisboa? 2.º Em caso contrário autoriza-me V. Ex.º a utilizar o seu nome, para como delegado da câmara, conjuntamente com delegados do meu ministério, estabelecer as definitivas bases que nos habilitem a dotar Lisboa com água indispensável à sua extensa área e elevada população?

Foi preciso aproximar-se o verão para se falar na magna questão do abastecimento de águas à cidade. Naturalmente, como de tantas outras vezes não passaram de projectos as preocupações de agora.

Notícias da Beira

Os empregados da Companhia de Moçambique, reclamam - Os ferroviários

Cartas recebidas da Beira (África) dizem-nos que lá a grande descontentamento entre os empregados da Companhia de Moçambique, que aí já perdeu quase 1000 empregados, que barafustasse por não ter recebido o seu dividendo. Quer isto dizer que a Companhia distribui lucros e uma Companhia que distribui lucros não está falida.

Segundo uma local do *Século* da noite de ontem, a Companhia está disposta a não aceitar as resoluções da Câmara, não lhe repugnando aceitar a discussão sobre a proposta da minoria socialista, que tem por base a municipalização dos serviços de viação eléctrica.

Isto não passa de boato, de aí aí, para dividir opiniões e desviar suspeitas bem fundadas. A Companhia, depois de ter gasto bom dinheiro com o suborno da imprensa; depois de ver aprovado um aumento que lhe convém, não abdicará, não deixará escapar o momento de arrecadar mais alguns milhares de contos. São nem mais nem menos de 3.200 contos que ela ganhará com o pequeno aumento que a Câmara lhe concedeu. E mesmo depois de ter deduzido desta bonita importância algumas percentagens para os colaboradores do roubo, ainda ficou muito dinheiro para distribuir aos acionistas e comprar órgãos na imprensa que lamente a sua miséria.

Estão as juntas de freguesia justamente indignadas contra a atitude da Câmara; estão os possuidores de passes, está o partido socialista e está acima de tudo o povo de Lisboa sobre quem recaí o peso de todos os impostos e de todas as tralharias que uma Companhia pouco escrupulosa põe em prática, resolvidos a não suportar de ânimo sereno mais uma extorsão. Com o povo estamos nós, também, que dêsse povo fazemos parte integrante.

Juventude Socialista

A Juventude Socialista realiza hoje, pelas 21 horas, na sua sede, rua do Benfimoso, 150, 1.º, uma sessão pública em que devem falar os srs. Ladislau Batalha, Artur M. dos Santos e outros.

Que se freme agora?

A nova comissão de vereadores nomeada pela Câmara Municipal de Lisboa para tratar com a Companhia Carris de Ferro da elaboração de um novo projeto do contrato a celebrar em substituição aos actualmente existentes teve ontem à noite nos Paços do Concelho uma demorada conferência com a direção daquela companhia.

Reconhecemos que errâmos fazendo

pelos notícias que as empresas jornalísticas do *lock-out* fizeram publicar, que a Companhia de Moçambique, em que se atribuiu ao operário tipógrafo António Ramos Júnior o empastelamento dalguma composição na tipografia dumha daquelas empresas, porquanto parece estar averiguado que o referido operário não foi o autor de tal acto, motivo porque o mesmo lle foi levantada a incompatibilidade.

Segundo informações que acabamos de colher, o autor do empastelamento posse em fuga, tendo sido preso António Ramos quando, dirigindo-se para a casa de obras da firma Lamas, Mota & Franklin, onde trabalhava, ultimamente, ouvindo os gritos soltados dumha das janelas do edifício de *A Manhã*, ali se dirigiu, a inquirir do que se passava.

O nosso referido camarada encontra-se na esquadra de polícia da Travessa das Almas, onde tem sido tratado com toda a correção pelos respectivos guardas, que nos apraz registrar.

No calabouço n.º 2 do governo civil encontram-se presos os operários tipógrafos Alfredo Rodrigues, Tomás de Aquino e Augusto Miguel de Sá, que pouco depois da prisão de António Ramos foram detidos nas imediações do quartel do Carmo por suspeita de que pretendiam falar com o seu colega, quando ali se encontrava.

Reconhecemos que errâmos fazendo

pelos notícias que as empresas jornalísticas do *lock-out* fizeram publicar, que a Companhia de Moçambique, em que se atribuiu ao operário tipógrafo António Ramos Júnior o empastelamento dalguma composição na tipografia dumha daquelas empresas, porquanto parece estar averiguado que o referido operário não foi o autor de tal acto, motivo porque o mesmo lle foi levantada a incompatibilidade.

Segundo informações que acabamos de colher, o autor do empastelamento posse em fuga, tendo sido preso António Ramos quando, dirigindo-se para a casa de obras da firma Lamas, Mota & Franklin, onde trabalhava, ultimamente, ouvindo os gritos soltados dumha das janelas do edifício de *A Manhã*, ali se dirigiu, a inquirir do que se passava.

O nosso referido camarada encontra-se na esquadra de polícia da Travessa das Almas, onde tem sido tratado com toda a correção pelos respectivos guardas, que nos apraz registrar.

No calabouço n.º 2 do governo civil encontram-se presos os operários tipógrafos Alfredo Rodrigues, Tomás de Aquino e Augusto Miguel de Sá, que pouco depois da prisão de António Ramos foram detidos nas imediações do quartel do Carmo por suspeita de que pretendiam falar com o seu colega, quando ali se encontrava.

Reconhecemos que errâmos fazendo

pelos notícias que as empresas jornalísticas do *lock-out* fizeram publicar, que a Companhia de Moçambique, em que se atribuiu ao operário tipógrafo António Ramos Júnior o empastelamento dalguma composição na tipografia dumha daquelas empresas, porquanto parece estar averiguado que o referido operário não foi o autor de tal acto, motivo porque o mesmo lle foi levantada a incompatibilidade.

Segundo informações que acabamos de colher, o autor do empastelamento posse em fuga, tendo sido preso António Ramos quando, dirigindo-se para a casa de obras da firma Lamas, Mota & Franklin, onde trabalhava, ultimamente, ouvindo os gritos soltados dumha das janelas do edifício de *A Manhã*, ali se dirigiu, a inquirir do que se passava.

O nosso referido camarada encontra-se na esquadra de polícia da Travessa das Almas, onde tem sido tratado com toda a correção pelos respectivos guardas, que nos apraz registrar.

No calabouço n.º 2 do governo civil encontram-se presos os operários tipógrafos Alfredo Rodrigues, Tomás de Aquino e Augusto Miguel de Sá, que pouco depois da prisão de António Ramos foram detidos nas imediações do quartel do Carmo por suspeita de que pretendiam falar com o seu colega, quando ali se encontrava.

Reconhecemos que errâmos fazendo

pelos notícias que as empresas jornalísticas do *lock-out* fizeram publicar, que a Companhia de Moçambique, em que se atribuiu ao operário tipógrafo António Ramos Júnior o empastelamento dalguma composição na tipografia dumha daquelas empresas, porquanto parece estar averiguado que o referido operário não foi o autor de tal acto, motivo porque o mesmo lle foi levantada a incompatibilidade.

Segundo informações que acabamos de colher, o autor do empastelamento posse em fuga, tendo sido preso António Ramos quando, dirigindo-se para a casa de obras da firma Lamas, Mota & Franklin, onde trabalhava, ultimamente, ouvindo os gritos soltados dumha das janelas do edifício de *A Manhã*, ali se dirigiu, a inquirir do que se passava.

O nosso referido camarada encontra-se na esquadra de polícia da Travessa das Almas, onde tem sido tratado com toda a correção pelos respectivos guardas, que nos apraz registrar.

No calabouço n.º 2 do governo civil encontram-se presos os operários tipógrafos Alfredo Rodrigues, Tomás de Aquino e Augusto Miguel de Sá, que pouco depois da prisão de António Ramos foram detidos nas imediações do quartel do Carmo por suspeita de que pretendiam falar com o seu colega, quando ali se encontrava.

Reconhecemos que errâmos fazendo

pelos notícias que as empresas jornalísticas do *lock-out* fizeram publicar, que a Companhia de Moçambique, em que se atribuiu ao operário tipógrafo António Ramos Júnior o empastelamento dalguma composição na tipografia dumha daquelas empresas, porquanto parece estar averiguado que o referido operário não foi o autor de tal acto, motivo porque o mesmo lle foi levantada a incompatibilidade.

Segundo informações que acabamos de colher, o autor do empastelamento posse em fuga, tendo sido preso António Ramos quando, dirigindo-se para a casa de obras da firma Lamas, Mota & Franklin, onde trabalhava, ultimamente, ouvindo os gritos soltados dumha das janelas do edifício de *A Manhã*, ali se dirigiu, a inquirir do que se passava.

O nosso referido camarada encontra-se na esquadra de polícia da Travessa das Almas, onde tem sido tratado com toda a correção pelos respectivos guardas, que nos apraz registrar.

No calabouço n.º 2 do governo civil encontram-se presos os operários tipógrafos Alfredo Rodrigues, Tomás de Aquino e Augusto Miguel de Sá, que pouco depois da prisão de António Ramos foram detidos nas imediações do quartel do Carmo por suspeita de que pretendiam falar com o seu colega, quando ali se encontrava.

Reconhecemos que errâmos fazendo

pelos notícias que as empresas jornalísticas do *lock-out* fizeram publicar, que a Companhia de Moçambique, em que se atribuiu ao operário tipógrafo António Ramos Júnior o empastelamento dalguma composição na tipografia dumha daquelas empresas, porquanto parece estar averiguado que o referido operário não foi o autor de tal acto, motivo porque o mesmo lle foi levantada a incompatibilidade.

Segundo informações que acabamos de colher, o autor do empastelamento posse em fuga, tendo sido preso António Ramos quando, dirigindo-se para a casa de obras da firma Lamas, Mota & Franklin, onde trabalhava, ultimamente, ouvindo os gritos soltados dumha das janelas do edifício de *A Manhã*, ali se dirigiu, a inquirir do que se passava.

O nosso referido camarada encontra-se na esquadra de polícia da Travessa das Almas, onde tem sido tratado com toda a correção pelos respectivos guardas, que nos apraz registrar.

No calabouço n.º 2 do governo civil encontram-se presos os operários tipógrafos Alfredo Rodrigues, Tomás de Aquino e Augusto Miguel de Sá, que pouco depois da prisão de António Ramos foram detidos nas imediações do quartel do Carmo por suspeita de que pretendiam falar com o seu colega, quando ali se encontrava.

Reconhecemos que errâmos fazendo

pelos notícias que as empresas jornalísticas do *lock-out* fizeram publicar, que a Companhia de Moçambique, em que se atribuiu ao operário tipógrafo António Ramos Júnior o empastelamento dalguma composição na tipografia dumha daquelas empresas, porquanto parece estar averiguado que o referido operário não foi o autor de tal acto, motivo porque o mesmo lle foi levantada a incompatibilidade.

Segundo informações que acabamos de colher, o autor do empastelamento posse em fuga, tendo sido preso António Ramos quando, dirigindo-se para a casa de obras da firma Lamas, Mota & Franklin, onde trabalhava, ultimamente, ouvindo os gritos soltados dumha das janelas do edifício de *A Manhã*, ali se dirigiu, a inquirir do que se passava.

O nosso referido camarada encontra-se na esquadra de polícia da Travessa das Almas, onde tem sido tratado com toda a correção pelos respectivos guardas, que nos apraz registrar.

No calabouço n.º 2 do governo civil encontram-se presos os operários tipógrafos Alfredo Rodrigues, Tomás de Aquino e Augusto Miguel de Sá, que pouco depois da prisão de António Ramos foram detidos nas imediações do quartel do Carmo por suspeita de que pretendiam falar com o seu colega, quando ali se encontrava.

Reconhecemos que errâmos fazendo

pelos notícias que as empresas jornalísticas do *lock-out* fizeram publicar, que a Companhia de Moçambique, em que se atribuiu ao operário tipógrafo António Ramos Júnior o empastelamento dalguma composição na tipografia dumha daquelas empresas, porquanto parece estar averiguado que o referido operário não foi o autor de tal acto, motivo porque o mesmo lle foi levantada a incompatibilidade.

Segundo informações que acabamos de colher, o autor do empastelamento posse em fuga, tendo sido preso António Ramos quando, dirigindo-se para a casa de obras da firma Lamas, Mota & Franklin, onde trabalhava, ultimamente, ouvindo os gritos soltados dumha das janelas do edifício de *A Manhã*, ali se dirigiu, a inquirir do que se passava.

O nosso referido camarada encontra-se na esquadra de polícia da Travessa das Almas, onde tem sido tratado com toda a correção pelos respectivos guardas, que nos apraz registrar.

No calabouço n.º 2 do governo civil encontram-se presos os operários tipógrafos Alfredo Rodrigues, Tomás de Aquino e Augusto Miguel de Sá, que pouco depois da prisão de António Ramos foram detidos nas imediações do quartel do Carmo por suspeita de que pretendiam falar com o seu colega, quando ali se encontrava.

Reconhecemos que errâmos fazendo

pelos notícias que as empresas jornalísticas do *lock-out* fizeram publicar, que a Companhia de Moçambique, em que se atribuiu ao operário tipógrafo António Ramos Júnior o empastelamento dalguma composição na tipografia dumha daquelas empresas, porquanto parece estar averiguado que o referido operário não foi o autor de tal acto, motivo porque o mesmo lle foi levantada a incompatibilidade.

Segundo informações que acabamos de colher, o autor do empastelamento posse em fuga, tendo sido preso António Ramos quando, dirigindo-se para a casa de obras